

# DIÁLOGOS ENTRE MAINGUENEAU E O CÍRCULO DE BAKHTIN

Sheila Vieira de Camargo Grillo\*

Simone Ribeiro de Ávila Veloso\*\*

**RESUMO:** Investigação das relações entre as obras do Círculo de Bakhtin e de Dominique Maingueneau, no tocante aos seguintes aspectos: a presença da teoria de Saussure nas duas obras, a delimitação do objeto de estudo da Análise do Discurso e da Metalingüística, a influência do dialogismo sobre a noção de interdiscurso e, por fim, a noção de gêneros do discurso. A leitura e a comparação dos textos evidenciaram pontos de convergência, bem como incompatibilidades teórico-epistemológicas decorrentes de distintos contextos acadêmicos das duas obras. Os aspectos pesquisados apontam para a necessidade de os estudiosos do discurso estabelecerem uma articulação cuidadosa entre as duas teorias, de modo a preservar as especificidades de cada uma, além de revelarem a maneira como conceitos de um contexto teórico e acadêmico são incorporados e relidos em outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do discurso; Metalingüística; dialogismo; interdiscurso; gêneros do discurso.

## 0. INTRODUÇÃO

**A** obra de Bakhtin e seu círculo chegou ao contexto acadêmico brasileiro mediada, em boa parte, por teorias francesas da literatura, do discurso e da enunciação. Esse dado pode ser atestado pelo fato de que livros como *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Estética da criação verbal* tenham suas primeiras traduções para o português feitas a partir das ver-

---

\* Universidade de São Paulo (CNPq 401573/2004-4).

\*\* Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo.

sões francesas, as quais condicionaram a recepção da obra do Círculo a partir de, entre outros, distinções francesas de enunciado/enunciação ou do apagamento da noção de gêneros. Esses dados, associados ao prestígio das teorias francesas do discurso no contexto brasileiro, explicam o apagamento das diferenças e a homogeneização teórica da obra do Círculo em proveito de um campo indiferenciado, chamado de “análise do discurso”.

As restrições a esse modo de recepção têm sido assumidas, recentemente, por diversos estudiosos do discurso brasileiros e franceses. Gregolim (2006) posiciona-se contra a homogeneização de concepções teóricas diversas, ao apontar o “apagamento da singularidade das posições” de Pêcheux, Foucault e Bakhtin. Brait (2006), ao identificar as semelhanças entre noções formuladas por Kristeva, Authier-Revuz e Bakhtin, constata que, embora haja proximidade, conceitos como alteridade/dialogismo/polifonia e heterogeneidade/interdiscursividade/intertextualidade não são necessariamente intercambiáveis, pois não se fundamentam nos mesmos princípios. Por fim, Sériot (2005) realiza, atualmente, uma retradução para o francês de *Marxismo e filosofia da linguagem*, pois a anterior produziu anacronismos como tratar o “locutor” de Bakhtin/Volochinov como se ele fosse um “sujeito da enunciação” na perspectiva de Benveniste.

Na continuidade dessas investigações, pretendemos verificar as relações que a obra de Dominique Maingueneau estabelece com a teoria de círculo, no tocante aos princípios epistemológicos que sustentam a *Metalingüística* proposta por Bakhtin e a *Análise do discurso* de Maingueneau, o que permitirá uma avaliação de alguns dos fundamentos das duas teorias, e às acepções que a noção de gêneros do discurso adquire nos dois autores, noção para a qual a obra do Círculo tem servido como uma espécie de *doxa* para as teorias francesas do discurso. Pretendemos, com isso, evidenciar as possíveis influências do Círculo sobre a obra do teórico francês, bem como as especificidades de cada um, no intuito de contribuir para uma recepção mais adequada de ambos os autores no contexto bra-

sileiro. A escolha do teórico francês justifica-se pela sua expressiva influência sobre os trabalhos do discurso no Brasil, comprovada pelo grande número de obras traduzidas para o português e pela sua presença constante em congressos e colóquios em diversas partes do território brasileiro.

Para tanto, fizemos uma seleção das obras do teórico francês a partir dos seguintes critérios: primeiramente, a sua distribuição diacrônica, do início dos anos oitenta até os dias atuais, com vistas a verificar a evolução das noções; em segundo lugar, o privilégio aos trabalhos de pesquisa do autor, com ênfase em artigos publicados em periódicos franceses e brasileiros, lugar privilegiado de formulação de conceitos próprios, contrariamente aos manuais de introdução à análise do discurso, que visam apresentar o estado de conhecimentos do campo; e, finalmente, a obras sobre o discurso literário, domínio de interesse e de formulação de conceitos tanto da obra do Círculo de Bakhtin quanto de Dominique Maingueneau.

## 1. ANÁLISE DO DISCURSO E METALINGÜÍSTICA

Por meio da leitura e análise das obras em questão, circunscrevemos dois princípios fundadores, pertinentes para estabelecer o cotejamento entre a análise do discurso praticada por Maingueneau e a Metalingüística proposta por Bakhtin:<sup>1</sup> o diálogo com a lingüística saussuriana e a delimitação do objeto de estudo.

---

<sup>1</sup> Embora o termo metalingüística tenha sido proposto nas décadas de 1950 e 1960, em textos exclusivamente de Bakhtin, acreditamos que as noções envolvidas nesse projeto bem como o campo de fenômenos a estudar constituem uma síntese e um aprofundamento de trabalhos elaborados pelos membros do círculo, desde a década de 1920.

### 1.1 Saussure: o outro

Maingueneau e o Círculo de Bakhtin empreenderam um diálogo explícito com as obras então disponíveis do teórico suíço,<sup>2</sup> o qual se constitui em elemento delimitador das abordagens de ambos. Ao dialogar com a lingüística saussuriana durante a década de 1980, identificamos que Maingueneau, ao definir a noção de formação discursiva, é influenciado pela noção de sistema, ao mesmo tempo em que rejeita, em trabalho posterior, a possibilidade da lingüística do discurso estabelecer uma relação de complementaridade com a lingüística da língua:

Depuis qu'elles ont adopté des méthodes structurales elles ne cessent d'être hantées par le spectre de la rupture, se demandant comment penser la discontinuité. De fait, une fois circonscrites des aires de stabilité, des "synchronies" successives, se pose inévitablement la question des modalités de la transition de l'une à l'autre. (1983, p. 9)

Les énoncés appartenant à chacune de ces régions doivent pouvoir être caractérisé par un ensemble de traits spécifiques, rapportés au même système de catégories et de règles, c'est-à-dire relever de la même formation discursive. Au lieu de voir dans le discours une simple collection d'énoncés on envisage donc le système qui assure leur unité. (1983, p. 15)

Si le jeu des contraintes qui définissent la "langue", celle de Saussure et des linguistes, suppose que tout ne peut se dire, le discours à un autre niveau suppose donc que'à l'intérieur d'un idiome particulier, pour une société, un emplacement, un moment définis seule une part du dicible est accessible, que ce dicible forme système et delimite une identité. (1984, p. 5-6)

Pour les adeptes de la complémentarité il s'agit d'un fantasme de scène primitive dans lequel les deux approches du champ viendraient se compléter harmonieusement (...) Aussi ne manquent-ils pas d'annoncer

---

<sup>2</sup> Faz-se necessário ressaltar que, em razão de recentes descobertas de manuscritos, a leitura da obra de Ferdinand de Saussure está sofrendo transformações. Neste momento, Simon Bouquet realiza uma edição do *Curso de lingüística geral* a partir de manuscritos de Saussure.

*Filol. lingüíst. port.*, n. 9, p. 229-250, 2007.

la venue de quelque “hyperlinguistique” dans laquelle le langage se reconcilierait avec lui-même: le sujet, la société, l'histoire y réintégreraient la structure, à moins que ce ne soit l'inverse, la structure devenant subjective, sociale ou historique. (1988, p. 30-1)

Nos três primeiros excertos, observamos, primeiramente, que a colocação do problema da polêmica<sup>3</sup> se inscreve no universo intelectual do estruturalismo francês, no sentido de que a justificativa e a motivação do estudo da relação polêmica se engaja na identificação do modo como uma estrutura discursiva suplanta e sucede outra. Nos âmbitos do estruturalismo, a relação entre formações discursivas “ne pouvait être pensée que sur le mode spontané de la juxtaposition d'unités extérieures les unes aux autres” (1984, p. 30). Em segundo lugar, no segundo e terceiro fragmentos, percebemos que a definição de discurso e de formação discursiva, tomada como um sistema de categorias e regras semânticas assegurando a sua unidade, é tributária da noção de sistema lingüístico de Saussure. A própria categoria lingüística escolhida para cotejar os discursos devoto e jansenista – os semas entendidos como unidades elementares que tiram sua existência unicamente da relação diferencial dentro de um sistema lexical escolhido – é saída do domínio da semântica lingüística ou estruturalista. Nesse sentido, explicita-se como a defesa da autonomia da linguagem feita por Maingueneau (1990) revela a influência da lingüística saussuriana da época sobre a Análise do discurso francesa.<sup>4</sup> O quarto fragmento mostra o ceticismo do teórico francês no tocante a uma possível relação complementar entre a lingüística da língua e a lingüística do discurso.

A obra do Círculo estabelece relações diferenciadas às de Maingueneau no que concerne à teoria de Saussure, divulgada por

<sup>3</sup> Trata-se, aqui, da obra que investiga o modo de funcionamento da polêmica, por meio da análise das relações entre o discurso humanista devoto e o discurso jansenista no século XVII, na França.

<sup>4</sup> Mais tarde, na segunda metade da década de 1980, as categorias descritivas de Maingueneau se desenvolverão a partir de teorias da enunciação (a noção de cenografia enunciativa, por exemplo) ou da retórica (a noção de *ethos* discursivo).

meio do *Curso de lingüística geral*. A exposição do projeto de uma Metalingüística é feita na oposição complementar com a lingüística da língua, embora haja poucos indícios de como isso se daria:

Além do mais, o estudo do enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações. (1952-1953/2003, p. 269).

temos em vista o discurso ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. (...) As pesquisas metalingüísticas, evidentemente, não podem ignorar a lingüística e devem aplicar os seus resultados. A lingüística e a metalingüística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência. (1963/1997, p. 181)

Primeiramente, Bakhtin demonstra, ao mesmo tempo, uma consciência da metodologia de obtenção de dados da lingüística e um respeito por seu projeto de pesquisa. O domínio de exercício da lingüística é a língua desconectada das enunciações singulares e particulares. Apesar dessa proximidade, Bakhtin nos adverte que os dois domínios não devem se confundir. Enfim, a Metalingüística se interessa pelos fenômenos de diálogo que, mesmo que pertencentes ao domínio da língua, não se restringem a ela, pois são de natureza extralingüística.

Apesar desse diálogo comum com a lingüística saussuriana, o contexto obra do Círculo de Bakhtin se insere, no propor de Brait, em “outros arredores teóricos” ao da obra de Maingueneau, ocasionando o desenvolvimento de noções como polifonia, tema, forma composicional, estilo, discurso relatado, gênero, diálogo que fogem às categorias lingüísticas desenvolvidas pela lingüística saussuriana ou pela gramática tradicional. Em suma, as noções da obra do Círculo não decorrem de categorias gramaticais, antes iluminam fenômenos da linguagem que fogem ao escopo de trabalho da lingüística do sistema.

1.2 Análise do discurso e Metalingüística: seus objetos de estudo

Nosso segundo ponto de observação do contato entre as obras de Maingueneau e do Círculo é a circunscrição dos objetos de estudo da Análise do discurso e da Metalingüística. Nessa questão, a noção de interdiscursividade é nodal, na medida em que nos permite observar a distância na aparente proximidade. Nos textos do teórico francês da década de 1980, encontramos um projeto de pesquisa sobre o modo de constituição e de relação entre discursos ou formações discursivas, apreendidas por meio da construção de regras semânticas que delimitam regiões do dizível em um determinado corpus de textos: “Distinction entre deux niveaux: d’une part la *surface discursive*, les textes concrets appartenant à l’espace discursif, de l’autre un système de règles et de catégories, un modèle construit pour rendre compte de la surface” (1983, p. 25).

A esse modo de apreensão e construção das regras semânticas definidoras do dizível de uma formação discursiva, Maingueneau coloca no centro de sua proposta a relação entre dois discursos, trazendo a noção de interdiscursividade para o núcleo de sua abordagem. Ao abordar o modo de funcionamento da polêmica entre o discurso jansenista e humanista devoto, Maingueneau lança a tese do “primado do interdiscurso sobre o discurso”, a partir da hipótese de que um discurso sucessor, como é o caso do jansenista, explora sistematicamente a falta que o discurso anterior, humanista devoto, instituiu ao se formar. Aqui o teórico francês menciona que o Círculo de Bakhtin é o precursor da idéia de que a relação com o outro é o fundamento da interdiscursividade: “Si en un sens notre démarche s’inscrit dans la même perspective que celle de Bakhtine, celle d’une ‘hétérogénéité constitutive’, nous opèrerons néanmoins dans un cadre restreint, assignant à cette orientation générale un cadre méthodologique et un domaine de validité beaucoup plus précis” (1984, p. 27). O quadro metodológico é formado pelas noções universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo, ou seja, a teoria dialógica é transferida para o modo de constituição e de relação entre discursos ou formações discursivas, no sentido de

que Maingueneau recusa a idéia de justaposição de “regiões discursivas insulares”, em proveito do diálogo interno como forma de delimitação dos discursos. Essa perspectiva permite que Maingueneau avance, em relação a Foucault, na questão da descontinuidade entre os discursos.

Em relação à obra do Círculo, o objeto de estudo da Metalinguística são as relações dialógicas: “enunciados confrontados entre si, entram em um tipo especial de relações semânticas que chamamos de dialógicas” (1959-1961/2003, p. 324). O sentido aparece sempre como produzido no diálogo, ou, em outros termos, a relação dialógica é uma relação semântica. Bakhtin postula que ele é o objeto de interesse de todas as ciências humanas “estamos interessados na especificidade do pensamento das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos e significados dos outros etc., realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de *texto*.” (1959-1961/2003, p. 308). Mais à frente, Bakhtin associa o estudo do homem à sua expressão semiótica e à interpretação ou compreensão do seu significado. Na seqüência, aparece a Metalinguística enquanto estudo das relações dialógicas entre os enunciados e no seu interior:

Estamos interessados primordialmente nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, na sua inter-relação e interação.

As relações dialógicas entre os enunciados, que atravessam por dentro também enunciados isolados, pertencem à metalinguística.<sup>1</sup> Diferem radicalmente de todas as eventuais relações lingüísticas dos elementos tanto no sistema da língua quanto em um enunciado isolado. (1959-1961/2003, p. 319-20)

Enquanto a obra de Maingueneau visa atravessar a superfície textual para chegar ao plano do discurso ou das formações discursivas, que se constitui pela alteridade interna, ou seja, o outro já está contido no mesmo, a obra do Círculo se propõe a estudar o diálogo entre enunciados e as relações semânticas entre eles (de reflexo, de desacordo, de filiação etc.). Essas relações são, em última instância, entre indivíduos integrais. Por trás dos textos-enun-



ciados estão sujeitos concretos, integrais, responsivos, inconclusos e inacabados, os quais só podem ser compreendidos por meio do diálogo e não explicados como na relação pessoa e objeto. As relações dialógicas são, portanto, relações pessoais, isto é, “vínculos semânticos personificados”: “O texto só tem vida contactando com outro texto (contexto) (...). Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite)” (1970-1971/2003, p. 401). O discurso em Bakhtin é, portanto, personificado.

A proposta da Metalingüística no texto de 1963 é acompanhada de um conjunto de fenômenos a estudar, entre os quais se inclui a polêmica. A orientação em direção ao referente e em direção à palavra alheia dá a Bakhtin os meios de classificar os tipos de discurso: primeiro tipo, a palavra orientada exclusivamente para seu referente; segundo, a palavra objetificada ou a palavra de uma pessoa representada, isto é, as diversas variações do discurso citado; enfim, a palavra a duas vozes ou bivocal a orientações diversas, entre as quais encontramos três tipos: o discurso bivocal de orientação única (estilização, narração do narrador, discurso não objetificado do herói-agente das idéias do autor, *Icherzählung*); o discurso bivocal de orientação vária (paródia, qualquer transmissão da palavra do outro com variação no acento, *Icherzählung* parodístico); tipo ativo ou discurso refletido do outro, no qual a palavra do outro influencia ativamente o discurso do autor (polêmica interna velada, autobiografia e confissão polemicamente refletidas, qualquer discurso que visa ao discurso do outro, réplica do diálogo, diálogo velado). O último tipo ou a palavra bivocal, na fonte da noção de polifonia em Dostoievski, é o objeto privilegiado do estudo de Bakhtin.

No decorrer da década de 1990, a noção de formação discursiva será abandonada por boa parte dos analistas do discurso franceses, que se voltarão para outros conceitos. As causas desse abandono vão desde a conjuntura política e acadêmica francesa, marcada pelo refluxo do marxismo e do estruturalismo, quanto pela entrada em cena de novas perspectivas do texto e do discurso. A

leitura da obra de Maingueneau revelará, em consonância com esse contexto histórico, a substituição da noção de formação discursiva pela de gênero do discurso:

Pour notre part nous nous établirons au lieu où viennent s'articuler un fonctionnement discursif et son inscription historique, nous chercherons à penser les conditions d'une "énonciabilité" historiquement circonscriptible. (1984, p. 6-7)

l'analyse du discours, en revanche, n'a pour objet ni l'organisation textuelle considérée en elle-même, ni la situation de communication, mais l'intrication d'un mode d'énonciation et d'un lieu social déterminées. Le discours y est appréhendé comme activité rapportée à un genre, comme institution discursive; son intérêt est de ne pas penser les lieux indépendamment des énonciations qu'ils rendent possibles et qui les rendent possibles. (1995a, p. 7-8)

(...) quando Foucault recusa noções como "visão de mundo", "autor", "documento", "influência", "contexto", etc., ele libera espaço para um procedimento de análise do discurso centrado sobre o que chamo "instituição discursiva", enlaçamento recíproco de um uso da língua e de um lugar nesses dispositivos de enunciação que são os gêneros do discurso. Apoiando-se sobre *A Arqueologia*, sobre as teorias da enunciação lingüísticas e a pragmática, pode-se repensar todo um conjunto de práticas e de noções imemoriais que ainda dominam nossa abordagem do texto. (1998/2006, p. 32)

A comparação do primeiro excerto com os dois seguintes patenteia a passagem de uma análise do discurso centrada no discurso e no seu modo de inscrição histórica, para outra focada no texto e nos seus lugares sociais de produção/recepção. Essa mudança é acompanhada, por um lado, pelo avanço da ascendência da sociologia de Pierre Bourdieu, sobretudo da noção de campo, sobre a obra de Maingueneau, e, por outro, pela mudança na acepção de interdiscursividade que, a princípio, era concebida no quadro das relações constitutivas entre formações discursivas e depois é reconfigurada como a relação entre textos e gêneros em uma dada conjuntura: "na análise do discurso, costuma-se distinguir 'intertexto' de 'interdiscurso'. O intertexto é o conjunto de textos com os quais

*Filol. lingüíst. port.*, n. 9, p. 229-250, 2007.

um texto particular entra em relação; o interdiscurso é o conjunto de gêneros e tipos de discurso que interagem numa dada conjuntura. No nível em que estamos aqui, não vamos fazer tal distinção” (2006[2005], p. 163, nota de rodapé). As possíveis influências da obra do Círculo de Bakhtin sobre a noção de gênero serão abordadas na seqüência.

## 2. A NOÇÃO DE GÊNERO DISCURSIVO

Dentro do quadro teórico da Análise do discurso francesa, em especial de Maingueneau, a noção de gênero discursivo ganha um espaço relevante em estudos relacionados à problemática da enunciação. Dessa forma, tomaremos esta noção como foco para delimitar especificidades teóricas pertinentes ao Círculo de Bakhtin e aquelas presentes em Maingueneau. Nosso objetivo, primeiramente, será identificar em que medida o papel do interlocutor/ouvinte aparece como elemento constitutivo do gênero, de acordo com perspectivas teóricas próprias de cada um deles. O segundo ponto a ser observado é o paralelo entre gêneros primários, secundários, de um lado, e instituídos e conversacionais de outro. A terceira e última questão diz respeito ao *estilo*: podemos dizer que o Círculo tenha influenciado Maingueneau nesse aspecto teórico? Mais do que certezas, o que queremos é suscitar um diálogo e levantar hipóteses.

### 2.1 O papel do interlocutor/ouvinte na constituição do gênero

Dentro das peculiaridades de *enunciados relativamente estáveis*, denominados *gêneros discursivos* por Bakhtin (2003, p. 262), encontra-se a figura do interlocutor/ouvinte como elemento-chave de sua constituição, uma vez que o EU construiria seu discurso tendo em vista o caráter de *ativa compreensão responsiva* do mesmo. Ainda de acordo com essa concepção, tal interlocutor pode se configurar na

presença de uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo, um público mais ou menos diferenciado, adversários ou ser um outro totalmente indefinido (2003, p. 301). O que possibilitaria o *endereçamento* da fala de um EU para um TU seria o *fundo aperceptível da percepção do discurso* (deste EU) sobre o destinatário: teria esses conhecimentos necessários acerca de determinado campo para que consiga assimilar seu discurso? Segundo Bakhtin, será esta consideração que determinará a escolha do gênero e de seus procedimentos estilísticos, composicionais e temáticos.

Em relação ao quadro teórico da Análise do discurso de Maingueneau, qual a importância deste interlocutor/ouvinte na constituição do gênero? Observamos, primeiramente, que este autor não ignora as considerações bakhtinianas acerca dessa noção. Ao contrário, o cita explicitamente, observando que a comunicação verbal supõe tal existência. Faz uso da seguinte citação de Bakhtin:

Nós aprendemos a moldar nosso discurso em forma de gêneros e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção [estrutura] composicional, prevemos o fim. (Bakhtin, 2006, p. 285)

É preciso destacar que, em Maingueneau, o papel do interlocutor/ouvinte, na constituição do gênero, recebe uma dimensão *estatutária*, ou seja, a fala em determinado gênero, não partiria de qualquer um, mas de um indivíduo detentor de um dado estatuto a outro (Maingueneau, 2005, p. 235). A categoria do gênero do discurso seria definida por critérios situacionais. O que vemos é, aparentemente, uma incorporação do princípio bakhtiniano de *endereçamento da fala* de um EU para um TU: o Círculo vislumbra a presença de um TU capaz de orientar o discurso, enquanto Maingueneau analisa este TU dentro de um quadro metafórico que prevê relações de *contrato, teatro e jogo*. A primeira fundamentaria o aspecto *cooperativo*, isto é, o interlocutor deve pressupor características de seu interlocutor-modelo, antes de construir seu discurso por meio de determinado gênero. A segunda identifica *papéis* que os parceiros

devem assumir em determinada situação de comunicação: um policial intervém como agente da ordem pública e não como pai de família (Maingueneau, 2002, p. 70). A terceira faz cruzar as duas metáforas anteriores, ao enfatizar regras que devem ser comuns aos interlocutores que “atuam” no referido gênero.

É preciso salientar que no aspecto relacionado à possível incorporação apontada acima, não há citações explícitas de Maingueneau ao Círculo, porém concepções teóricas convergentes que apontam para ela, uma vez que pressupõem não a presença de um ouvinte passivo, mas *ativo* em sua *compreensão responsiva*. O que parece ser específico em Maingueneau é o estatuto social atribuído aos parceiros da comunicação, definido por regras coercitivas que compõem o gênero discursivo em determinada situação de comunicação. Outra especificidade teórica assumida por esse autor seria a legitimidade do discurso, tendo em vista *lugar e momentos legítimos* adequados a determinado gênero discursivo e que corroboram tal estatuto.

O Círculo apresenta o *tema* como possuidor de estabilidade relativa no gênero, bem como a presença do interlocutor como elemento capaz de direcionar tal estabilidade. No enunciado, realização concreta do gênero, adquiriria um caráter irrepetível, pois caracterizado como um ato sócio-historicamente definido (Bakhtin; Medvedev, 1991/1928). Para Maingueneau, os gêneros são *dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes* (Maingueneau, 2002, p. 61). Apresentam-se como pertencentes a *tipos de discurso* associados a *setores de atividade social*. A categorização dos gêneros apresenta-se vinculada ao *uso* que se faz destes. Nesse caso, o interlocutor não parece se configurar elemento de destaque na proposição do que o autor denomina *tipo de conteúdo* (2002, p. 59), que seria um dos critérios para denominação dos gêneros: “romance sentimental” remete a um tipo de conteúdo (sentimental), por exemplo. Portanto, para Maingueneau, o próprio gênero poderia pressupor certa recorrência temática, a confirmar-se (ou não) pela situação real de comunicação.

Tais traços constitutivos do gênero em Maingueneau apontam para uma concepção mais pragmática dessa categoria discursiva. Ou seja, o autor parece assimilar a proposição bakhtiniana de interlocutor ativo dentro de um quadro teórico que o considere um dos aspectos formadores do gênero, observando-o no conjunto dos elementos enunciativos presentes (espaço/ tempo/ atores). Veremos, na próxima seção, especificidades relacionadas ao *estilo*, presente na concepção de gênero do Círculo, e de que forma tal elemento pode estar articulado em Maingueneau.

## 2.2 Gêneros primários e secundários X instituídos e conversacionais

O Círculo trata a questão do estilo como indissociável aos gêneros (Bakhtin, 2003, p. 265), primários ou secundários. Os primeiros seriam formados nas condições da comunicação discursiva imediata, como as conversas espontâneas. Os segundos, ao absorver os primeiros, configurariam gêneros complexos, como romances, artigos científicos etc. Uma dimensão do estilo seria o reflexo de uma individualidade “atrelada” ao gênero. De acordo com a perspectiva bakhtiniana, há gêneros mais propensos à expressão dessa individualidade e outros menos, por requererem uma forma padronizada, como documentos oficiais. A noção de gênero pressupõe estilos de gêneros de determinadas esferas da atividade humana, vinculadas a certas unidades temáticas. Portanto, não se trata de entender o estilo como uma manifestação unicamente oriunda do EU, sem considerar o interlocutor. Os próprios limites do enunciado seriam definidos pela alternância de sujeitos do discurso (Bakhtin, 2003, p. 275).

Maingueneau também prevê uma escala de objetivação do sujeito no momento em que identifica *gêneros instituídos* (subdivididos em *rotineiros* e *autorais*) e *conversacionais* (Maingueneau, 2005, p. 238). Esses não teriam ligação estreita com lugares institucionais, fazendo uso de estratégias de negociação entre os interlocutores. Nesse sentido, tal conceito se aproxima ao de *gênero primário*

do Círculo. Em relação aos gêneros instituídos, o autor francês pontua quatro tipos:

*Gêneros instituídos tipo 1:* trata-se de gêneros instituídos que não admitem variações ou admitem apenas umas poucas. Os participantes obedecem estritamente às coerções desses gêneros: carta comercial, guia telefônico (...).

*Gêneros instituídos tipo 2:* trata-se de gêneros no âmbito dos quais os locutores produzem textos individualizados, porém sujeitos a normas formais que definem o conjunto de parâmetros do ato comunicacional: telejornal, *fait divers* (...).

*Gêneros instituídos tipo 3:* não há para esses gêneros (propaganda, canções, programas de televisão...) uma cenografia preferencial (...).

*Gêneros instituídos tipo 4:* trata-se dos gêneros autorais propriamente ditos, aqueles com relação aos quais a própria noção de "gênero" é problemática (...) não se limitam a seguir um modelo esperado, mas desejam capturar seu público mediante a instauração de uma cena de enunciação original (...). (Maingueneau, 2005, p. 240-2)

Postulamos que há um diálogo entre os dois quadros classificatórios apresentados. O nível de individualidade expresso no quadro conceitual do Círculo parece prever variações genéricas de Maingueneau em que o sujeito da enunciação se apresenta de forma mais ou menos explícita. A etapa seguinte consistirá em identificar possíveis parâmetros de influência da questão do estilo bakhtiniano na obra de Maingueneau.

### 2.3 Estilo e ethos: tonalidades específicas de individualidade?

Observamos, na seção anterior, que o teórico francês identifica a maior ou menor objetivação do discurso de acordo com a cenografia preferencial adotada pelo gênero. Cenografia é a cena de enunciação com a qual o interlocutor se depara, não se espera que ela designe a si mesma; a cenografia se *mostra*, por definição, para além de toda cena de fala que seja dita no texto (Maingueneau, 2005, p. 252). Essa cena é que confirmará (ou não) as regras de composição do gênero. Quanto maior a estabilidade delas, menos será perceptível a individualidade do enunciador.

O Círculo aponta a existência de matizes de *entonação expressiva*: pode-se assumir um *tom* mais seco ou respeitoso, mais frio ou mais caloroso, introduzir a entonação de alegria etc. (Bakhtin, 2003, p. 284). Através da *reacentuação dos gêneros*, conceito também proposto pelo Círculo, seria possível transferir a forma de gênero de um campo para outro e empregá-lo com reacentuação irônico-paródica, por exemplo, fato que dependeria da existência de gêneros mais livres e criativos. Ambos os conceitos expressam o *estilo*: escolhas gramaticais e lexicais, bem como combinações sintagmáticas que vislumbram a presença do interlocutor.

A questão da individualidade em Maingueneau, ao se construir em cenografias diferenciadas, possibilita a inserção do conceito de *ethos discursivo*, fenômeno enunciativo pelo qual o enunciador revela sua personalidade, pelo modo como se *mostra* ao seu interlocutor (Maingueneau, 2002, p. 98); seu caráter (conjunto de traços psicológicos); e sua corporalidade (maneira de se movimentar no espaço social) que permitem a emergência de um *tom* que dá autoridade ao que é dito e conseqüentemente permite ao leitor construir a representação do corpo deste enunciador. Maingueneau (2005, p. 95) atribui explicitamente ao Círculo a noção de *tom* e a destaca como ligada à relação do locutor com seu ouvinte. Tal referência se faz mediada pela leitura do livro *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*, de Tzvetan Todorov.

Todorov (1981) mostra a proposta do Círculo de ocorrer, nessa relação, um horizonte comum de julgamento de valores, constitutivo do enunciado e que orientaria a *expressão de valores* através de uma *entonação* direcionada à virtual presença do interlocutor. Em seus anexos, o autor expõe uma das propostas teóricas do Círculo: mostrar que essa orientação se fará presente em todo enunciado verbal ou gestual e poderá evidenciar o tom de voz que acompanha os discursos (1981, p. 299). É possível, portanto, afirmar que Maingueneau (1984) inspira-se na noção de *tom* bakhtiniano para compor o conceito de *ethos* discursivo. Entretanto, é preciso considerar que o autor francês articula essa noção ao *ethos* retórico



clássico: adapta-o para uma perspectiva enunciativa que articule as metáforas apresentadas na cenografia de cada gênero.

### 3. CONCLUSÕES

A leitura e a comparação dos textos do Círculo de Bakhtin e de Dominique Maingueneau evidenciaram pontos de convergência, bem como incompatibilidades teórico-epistemológicas decorrentes de distintos contextos acadêmicos das duas obras. Os aspectos explanados apontam para a necessidade de os estudiosos do discurso estabelecerem uma articulação cuidadosa entre as duas teorias, de modo a preservar as especificidades de cada autor, além de revelarem o modo como conceitos de um contexto teórico e acadêmico são incorporados e relidos em outro.

Embora as duas obras tenham dialogado com Saussure, a hegemonia do estruturalismo no contexto acadêmico francês influenciou a definição de formação discursiva, a justificativa da abordagem da polêmica e ainda forneceu a principal categoria descritiva – os *semas* – para a análise dos discursos humanista devoto e jansenista da primeira fase da obra de Maingueneau. Diferentemente, a obra do Círculo, ao estar inserida em outro entorno teórico, estabeleceu um diálogo mais distante com o teórico suíço, apesar de propor uma relação complementar entre a lingüística saussuriana e a Meta-lingüística.

A palavra *discurso* não tem as mesmas acepções nas duas obras. O Círculo dedica-se ao estudo e à caracterização do enunciado concreto situado sócio-historicamente e decorrente de uma situação de comunicação imediata (relações dialógicas com enunciados anteriores e com o interlocutor, situação social imediata e momento histórico, tonalidade expressiva) e de um horizonte mais amplo (esfera, horizonte social da criação de um grupo social em determinada época). Essa definição explica o desenvolvimento das categorias construção composicional, tema e estilo, para definir os gêneros e

as obras literárias (Dostoievski), dando uma grande importância ao modo de constituição da superfície textual. Já, em Maingueneau, a noção-chave é o discurso, tomado como sinônimo de formação discursiva, e designa as regras e normas semânticas descobertas e construídas por meio da análise de um conjunto de textos, cuja superfície é apenas um meio para se atingir o nível discursivo. A individualização de um discurso se dá pelo estabelecimento da correlação entre um sistema de regras semânticas com certos códigos (dispositivos retóricos, por exemplo) no interior de uma conjuntura histórica. Essa orientação pode explicar o fato de que, mesmo nos textos mais recentes nos quais a noção de formação discursiva é abandonada, encontramos afirmações como “Todo gênero está associado a uma certa organização textual que cabe à lingüística textual estudar” (2002[1998], p. 68), reveladoras da ausência de categorias textuais, no âmbito da Análise do discurso, para a definição dos gêneros.

O escopo de estudo da Metalingüística são as relações dialógicas entre enunciados e no interior de um enunciado. O enunciado tem autor que, como vimos, é caracterizado como um vínculo semântico personificado, com o qual se dialoga e o qual não pode ser explicado, como na relação do sujeito com os objetos do mundo. Em suma, o dialogismo bakhtiniano pressupõe a relação entre indivíduos dotados de orientação axiológico-semântica. A análise do discurso de Maingueneau se propõe a estudar, primeiramente, as formações discursivas e, mais tarde, os gêneros do discurso, tomados como dispositivos de comunicação. A questão da individualidade e da autoria está descartada em ambos os casos, pois o que interessa são os posicionamentos sócio-históricos, a discursividade: “La formation discursive est (...) une aire de fonctionnement textuel spécifique correspondant à une position dans un champ idéologique. Rien n’empêche *a priori* les mêmes individus de circuler d’une formation discursive à une autre” (1983, p. 18).

No âmbito da Análise do discurso, as relações dialógicas do Círculo são inspiradoras da problemática da interdiscursividade. O

interdiscurso compreende a relação constitutiva entre formações discursivas, no sentido de que o que é rejeitado como externo delinea as fronteiras do que é afirmado como interno e de que o surgimento de uma nova formação discursiva se dá no espaço da relação polêmica com o já dito da formação discursiva precedente. Tal como mostramos, a polêmica aparece, na obra do Círculo, como um dos fenômenos de palavra bivocal a ser estudado, vozes essas pertencentes a indivíduos orientados axiológico-semanticamente, ao passo que, em Maingueneau, a polêmica é abordada como um fenômeno constitutivo das relações entre formações discursivas distintas.

Sobre a noção de gênero discursivo, é importante observar que se Maingueneau mostra, por um lado, assimilar a idéia de ativa compreensão responsiva do interlocutor na formulação do discurso, e por outro, lhe atribui um caráter estatutário articulado a outros elementos que podem (ou não) legitimar o discurso. Cabe, neste momento, salientar diferenças conceituais relacionadas à presença do OUTRO: o Círculo o identifica como elemento capaz de orientar a formulação do discurso do EU no enunciado concreto, enquanto Maingueneau focaliza esse interlocutor em consonância com a legitimação de seu discurso dentro da cena enunciativa que pressupõe lugares, momentos e atores legítimos (ou não). Metáforas como contrato, teatro e jogo acentuam o teor pragmático de seu quadro teórico que demonstra estar em consonância com uma perspectiva teórica que articula os atos de fala aos lugares institucionais.

As subdivisões de gêneros instituídos parecem evidenciar essa articulação e, concomitantemente, pressupor, mesmo que não explicitamente, a subdivisão em gêneros primários e secundários, proposta pelo Círculo. Ambos os quadros teóricos prevêm posicionamentos sócio-historicamente definidos do EU em gêneros mais ou menos suscetíveis a coerções do campo/ instituição em que se realizam e/ou do próprio gênero. Apesar de encontrarmos tal ponto de convergência é preciso observar que, em Maingueneau, o aspecto midiático aparece como constitutivo do gênero e não como simples meio material de realização do discurso.

A entonação expressiva assumida pelo EU bakhtiniano, que encontra no TU um norte para sua dimensão e consistência, explicita tais posicionamentos dado ao caráter de ativa compreensão responsiva de seu interlocutor. Esse movimento, que possibilitará a construção do estilo no gênero, parece oferecer ao conceito de *ethos* discursivo a referência conceitual de *tom*, oriunda do Círculo, em sua formulação. Maingueneau considera o interlocutor elemento que direciona o discurso do enunciador, pressupõe um caráter e uma corporalidade analisáveis dentro da superfície discursiva e que buscam persuadi-lo dentro de um quadro de valores determinados culturalmente.

Embora devamos considerar a forte influência de concepções enunciativas propostas pelo Círculo de Bakhtin desde os anos vinte do século passado, é preciso observar especificidades dessas concepções em relação àquelas apresentadas por Maingueneau. As metáforas do teatro, contrato e jogo parecem destacar a importância de elementos dêiticos dentro da cenografia que podem corroborar as regras do gênero, ou não. Neste ponto, observamos uma confluência teórica ao identificarmos que ambos prevêm uma escala de objetivação de gêneros: desde aqueles que apresentam maior padronização até os que possibilitam maior expressão da individualidade.

#### BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. M.; MEDVEDEV, P. N. (1991 [1928]) *The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics*. Trad. A. J. Wehrle, Baltimore/London: Johns Hopkins Press.

BAKHTIN, Mikhail (2003[1952-1953]) Os gêneros do discurso. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (2003[1959-1961]) O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (1997[1963]) Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

*Filol. lingüíst. port.*, n. 9, p. 229-250, 2007.

BRAIT, B. (2006) Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

GREGOLIM, M. do R. (2006) Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

MAINGUENEAU, D. (2006) *Discurso literário*. Trad. A. Sobral. São Paulo: Contexto.

\_\_\_\_\_. (2006[1998]) Arqueologia e análise do discurso. *Cenas da enunciação*. Trad. e org. Sírio Possenti; Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar

\_\_\_\_\_. (2005) Le discours littéraire contre la littérature en soi. In: MARI, H. et al. (org.) *Análise do discurso em perspectiva*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

\_\_\_\_\_. (2004) Situación de “enunciación” o “situación de comunicación”? *Discurso*, 3, 6, Buenos Aires. Disponível em <www.revista.discurso.org>. Acessado em 17 dez. 2006.

\_\_\_\_\_. (2004) Hyperénonciateur et “participation”. *Langages*, 156, p. 111-26.

\_\_\_\_\_. (2004) Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (ed.) *Gêneros: reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

\_\_\_\_\_. (2002[1998]) *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.

\_\_\_\_\_. (1995) *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. (1995a) *Présentation*. *Langages*, 117, p. 5-12.

\_\_\_\_\_. (1995b) L'Analyse des discours constituants. (en collab. avec F. Cossutta). *Langages*, 117, p. 112-25.

\_\_\_\_\_. (1992) Le tour ethnolinguistique de l'analyse du discours. *Langages*, 105, p. 114-25.

\_\_\_\_\_. (1991) Análise do discurso: a questão dos fundamentos. *Cadernos de estudos lingüísticos*, 19, p. 65-75.

\_\_\_\_\_. (1988) Langue et discours, La linguistique et son double. *DRLAV*, 39, p. 20-32.

\_\_\_\_\_. (1987) L'assise idéologique d'une politique de ségrégation linguistique: l'exemple de la III<sup>e</sup> République. *Langage et société*, 40, p. 59-69.

\_\_\_\_\_. (1986) Le langage en suspens. *DRLAV*, 34-35, p. 77-94.

\_\_\_\_\_. (1984) *Genèses du discours*. Bruxelles, P. Mardaga. (Gênese dos discursos. Trad. S. Possenti. Curitiba: Criar, 2005.)

\_\_\_\_\_. (1983) *Sémantique de la polémique*. Lausanne: L'Age d'homme.

SÉRIOT, P. (2005) Bakhtine en contexte: dialogue et hybridation des langues (le problème des limites). *CTL, La quadrature du cercle de Bakhtine: traductions, influences et remises en contexte*, 45, Lausanne, p. 203-25.

TODOROV, T. (1981) *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Seuil.

**ABSTRACT:** Approach to the relationships between the Bakhtin Circle and Dominique Maingueneau's theories, as regards the following aspects: presence of Saussure's theory,

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo e VELOSO, Simone Ribeiro de Ávila. Diálogos entre...

demarcation of the object of study of Discourse Analysis's and the object of study of Metalinguistics, the influence of dialogism over the notion of interdiscourse and, finally, the notion of genres of discourse. The confrontation between the two works showed similarities, as well as theoretical-epistemological incompatibilities, resulting from different academic contexts. In conclusion, discourse analysts should be careful when articulating the two theories and examine the way some concepts borrowed from a theoretical context are incorporated into another one.

**KEYWORDS:** Discourse analysis; Metalinguistics; dialogism; interdiscourse; genres of discourse.